

IDENTIDADES COMPÓSITAS: ESCRITURAS HÍBRIDAS

Zilá Bernd - UFRGS

apresentado no Congresso da Anpoll em 12 de junho de 1998

MATRAGA nº 12, 1999

Limiares

Por que relançar, às vésperas do terceiro milênio, um debate que parece esgotado de tanto ser repisado nestes últimos tempos: o debate identitário? Efetivamente, se muita tinta já correu com o objetivo de avaliar as questões das identidades a partir das mais diferentes abordagens, parece pairar ainda sobre o assunto uma polarização entre uma concepção desintegrada da identidade e uma certa crispação que tende ao fechamento e ao isolamento.

Problematizar as relações entre identidade e escritura presentes em grande parte da produção ficcional das Américas, evidenciando o caráter heterogêneo das iniciativas identitárias americanas, poderá contribuir para desfazer certos fetiches e para promover um melhor conhecimento destas literaturas que têm em comum o fato de terem nascido em situação colonial, tendo todas se confrontado com uma contradição primordial: exprimir na língua do Outro (europeu) uma natureza e um imaginário próprios (americanos).

As conquistas no século XV e o processo de colonização, iniciado no século XVI, favoreceram a mais extraordinária confrontação de diferentes povos e de diferentes culturas jamais registrado na História da humanidade. Este contato teve como consequência incontornável o fato do literário ser inseparável do identitário nas geografias do Novo Mundo. Várias obras, como o célebre *Cahier d'un retour au pays natal*, de Aimé Césaire, tematizarão este contato violento entre os povos, as sequelas da política de assimilação, bem como o engendramento dos discursos identitários.

Esta situação inaugural será determinante de um percurso necessariamente marcado por comportamentos que alternam bovarismo coletivo e busca de autonomização; cristalizações identitárias e sua superação; tendência à constituição de identidades exclusivas e perspectivas identitárias relacionais e crioulizadas.

Tentar traçar um certo número destes itinerários sublinhando suas principais estratégias e seus momentos fortes, é o objetivo da presente comunicação que possui também a pretensão de desbravar os caminhos para um comparativismo literário interamericano. Se esta verdadeira obsessão do colonizado por se definir em relação ao colonizador, por forjar uma voz e desencadear um processo de negociação das identidades exprimiou-se através de diferentes gêneros, o ensaio foi, sem dúvida, o lugar privilegiado de construção/desconstrução do identitário americano.

Ensaio como espaço privilegiado de negociação identitária

Escritura perturbadora ou melhor desmancha-prazeres, como foi considerada por Vigneault ¹, o ensaio se constrói circularmente em volta de um pensamento. Nas Américas, se os escritores apelaram frequentemente para os Manifestos (Antropófago, Pau-brasil, etc.), foi sobretudo o terreno fértil do gênero ensaio que serviu de espaço privilegiado de negociação de suas urgências identitárias. O ensaio teve um papel importante no esforço de legitimação e de sacralização das literaturas das três Américas que surgiram como extensão das culturas dos países dominantes. Foi por intermédio deste gênero híbrido por excelência que é o ensaio que compreendemos que a dependência cultural não existe e que mais importante do que enunciar discursos ressentidos, era necessário aceitar o caráter inevitável não apenas do contato como dos empréimos que dele decorreram desde os primeiros tempos no espaço das colônias.

A compreensão e o exorcismo do que significa "écrire en pays dominé", ou escrever na língua do outro, nos é dada pelo exercício ininterrupto do ensaio. Quase todos os grandes romancistas e poetas das três Américas são também notáveis ensaístas. Hoje, as fronteiras entre os gêneros vêm sendo implodidas, assim a ficção contém o ensaio e o ensaio deixa lugar ao ficcional, na obra dos melhores escritores contemporâneos. É, portanto, através do ensaio ou de fragmentos ensaísticos inscritos nos contos, romances e novelas contemporâneos que se produziram as tentativas mais bem sucedidas de recuperação da *trace*, ou seja, dos vestígios da memória popular que políticas assimilacionistas trataram de elidir.

Antropofagias

Walter Moser em pelo menos dois de seus artigos pretende que o conceito de Antropofagia cultural brasileira poderia esclarecer os debates identitários, ajudar a superar suas polarizações e talvez a oferecer uma alternativa ao impasse que tende a imobilizá-lo. Sua proposição reverte de algum modo uma tradição segundo a qual é sempre (ou quase) o sul que toma emprestado os esquemas interpretativos do norte. Segundo Moser, tratar-se-ia, ao contrário, para os norte-americanos de importar do sul a proposta oswaldiana de 1928. As provocações modernistas poderiam contribuir para a superação de uma visão redutora que aspira, ainda hoje, a uma literatura nacional imune às contaminações vindas de fora.

*... levada a sério, a figura antropofágica comporta um ensinamento de base que teríamos vantagem em aceitar: não existem substâncias identitárias pré-determinadas. O fundamento da questão identitária é um processo de interações muito complexo, jamais um ser homogêneo nem uma propriedade metafísica, e ainda menos uma determinação biológica.*²

Apesar da importância que Moser concede ao Manifesto Antropófago, considerando-o capaz de fertilizar a reflexão identitária do norte, ele destaca, em sua argumentação, o caráter destrutivo da alteridade contido na proposta de base da antropofagia: devorar o outro, apropriar-se de elementos da cultura do outro, passa necessariamente pela morte e conseqüente desaparecimento desta cultura. Por outro lado, a astúcia da razão tupiniquim reside na utilização constante da ironia e da paródia que desencadeiam um processo de

desestabilização da instituição literária brasileira que começava a levar-se demasiadamente a sério. O processo de dessacralização que ela instaura questiona profundamente as certezas do "caráter nacional" brasileiro na medida em que a Antropofagia, como salienta Moser, "nos impede de esquecer as alteridades devoradas e incorporadas, a pluralidade heterogênea de que nos nutrimos, o confluente de heterogeneidades que nós somos".³

A lição antropofágica permanece de uma incrível atualidade e converge de maneira surpreendente com as propostas mais recentes que circulam nas Américas como as de Garcia Canclini, Patrick Chamoiseau, Édouard Glissant, Régine Robin, Jocelyn Létourneau entre outros, pois essa lição continha, nos anos 20, os princípios de base que ancoram o pensamento deste ensaístas contemporâneos:

- a. a impossibilidade de se reconhecer em uma pureza primordial;
- b. a tendência a acolher o popular mítico, permanecendo capazes de relativizá-lo, sem fazer do maravilhoso uma substância estável;
- c. a abertura ao outro no Diverso.

O que talvez fosse útil lembrar é que no mesmo ano de lançamento dos Manifestos Antropófago e Pau Brasil foi publicada no Haiti a *Revue Indigène*. Interessa salientar como os intelectuais brasileiros e haitianos, que certamente não tomaram conhecimento das obras uns dos outros, puderam apresentar teses tão similares, baseadas na:

► compreensão de que é preciso voltar a um tempo primordial, antes da chegada dos colonizadores. Para os brasileiros tratava-se de compreender o sentido do ritual antropófago praticados pelos tupinambás, para dele tirar a lição da devoração regeneradora, enquanto para os haitianos era urgente "reencontrar o tempo em que os haitianos se amavam e onde viver era em nossa terra uma coisa amena" ⁴;

► aceitação do fato de que a cópia é parte integrante de nossa formação cultural e que nós não nos tornaremos "nacionais por subtração", mas que é preciso, a partir do empréstimo, "construir uma doutrina original" ⁵;

► importância de falar de um ponto de vista autóctone (indigène), sem contudo criar fronteiras ou exclusões: "Vida intelectual e artística, vida econômica e comercial. O ponto de vista haitiano das questões, a maneira pela qual vislumbramos as coisas e como fazem da palavra "indigène" um insulto, nós a reivindicamos como um título, o ponto de vista indígena (indigène)". ⁶

No Quebec, encontramos igualmente a urgência de convocar a comunidade a construir por inteiro uma literatura nacional. Em 1913, o abade camille Roy, em *Ensaio sobre a literatura canadense (Essais sur la littérature canadienne)*, argumenta em favor do que ele próprio chama de "nacionalização da literatura canadense". É importante destacar que, como os escritores brasileiros e haitianos mencionados anteriormente, a identidade de que fala Camille Roy não é exclusiva; ele não cai na armadilha da ilusão de construir uma literatura nacional a

partir de zero. Ele tem consciência de que esse grau zero não existe e que o conceito de nacional não pode ser confundido com o de gueto:

*" Assim como não se pode exigir de nossos escritores que eles cantem em um repertório de assuntos que sejam exclusivamente canadenses, não devemos criticá-los de submeterem por vezes seus espíritos, seu gosto, seus hábitos de pensar, sua arte, e, por assim dizer, sua consciência literária às influências que vêm do exterior. Deixemo-los pedir aos escritores franceses alguns conselhos sobre a arte de escrever e de compor um livro; e para enunciar aqui um princípio mais geral, deixemo-los assimilar nas obras estrangeiras a nosso país, que se trate de questões de fundo ou de forma, tudo o que puder ser útil à arte canadense".*⁷

Esta reflexão vai exatamente na mesma direção da que Machado de Assis desenvolveu em "Literatura brasileira: instinto de nacionalidade", de 1873. Neste ensaio, o autor chama a atenção dos intelectuais da jovem nação brasileira que acabava de nascer que não era preciso exagerar na utilização da cor local sob pena de restringir a recepção das obras aos membros de uma única tribo. "O que se deve esperar do escritor é um certo sentimento íntimo que o faça tornar-se um homem de seu tempo e de seu país"⁸.

Tratava-se de um alerta: embora reconhecendo a legitimidade de um certo "instinto de nacionalidade", o autor ressalta os perigos de associar "identidade nacional" à homogeneização dos traços culturais, como já estavam propondo alguns escritores com nítida tendência essencialista. Podemos, pois constatar pelos exemplos evocados que uma concepção identitária rizomática, heterogênea e conflitual já existia no início deste século no contexto das três Américas.

Crioulizações

Se Moser tinha razão em lembrar a atualidade das lições antropofágicas, considero igualmente fértil a possibilidade de pensar a contribuição que podem trazer a esse debate os escritores do Caribe tais como Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau que, entre outros, vêm dedicando-se em seus ensaios a refletir sobre as questões identitárias a partir da fecundante proposta de Deleuze e Guattari de substituir a idéia de raiz única pela de rizoma, com suas raízes múltiplas e abrangentes. Em suas publicações mais recentes *como Écrire en pays dominé* (Chamoiseau, 1997) e *Traité du tout-monde* (Glissant, 1997), tratam acima de tudo de combater os fundamentalismos e os integristas de toda espécie que se constituíram a pretexto de afirmação identitária. Ao proporem o conceito de crioulização, com seu valor acrescido de imprevisibilidade, estes autores relativizam a questão das identidades, afastando-se ao mesmo tempo do enraizamento, que nega o outro ao afirmar-se, e da alienação que acarretaria a perda total da memória coletiva.

Para Glissant, a **crioulização** é "o encontro, a interferência, o choque, as harmonias e as disarmonias entre as culturas na totalidade realizada do mundo-terra".⁹ Aceitar a crioulização é renunciar a qualquer ideal de pureza e mesmo de mestiçagem controlada e previsível das etnias e das culturas. Às culturas **atávicas** que preservam a memória da Gênese, vêm opor-se

as culturas **compósitas**, produto de um processo contínuo de crioulização, que não pretendem ser fiadoras de uma Gênese, mas do que o autor chama de Digênese.

Patrick Chamoiseau foi co-autor nos anos 90 de *L'éloge de la créolité*, ensaio que se tornou antológico e que é muitas vezes citado quando se trata de falar de identidade e literatura. Em seu último livro, *Écrire en pays dominé*, ele retrabalha este conceito e o amplia ainda mais. Reforça a idéia já expressa no primeiro livro que, no contexto do Caribe, - e seria possível aplicá-lo ao conjunto das Américas - a síntese torna-se impossível e que a identidade só pode ser percebida como "mosaico incerto, sempre conflitual e caótico" ¹⁰.

Para reforçar a idéia de abertura e de processo, Chamoiseau utilizará preferentemente a expressão "crioulização", da qual ele evacua qualquer associação com imobilidade. O autor, diante da impossibilidade para os caribenhos de se reconhecerem na unicidade de uma raiz única, vê na crioulização a única maneira de abordar a questão identitária:

► *"Amérindiens, békés, Indiens, Nègres, Chinois, mulâtres, Madériens, Syro-Libanais... Nous voulûmes préserver d'originelles puretés mais nous nous vîmes traversés les uns par les autres. L'Autre me change et je le change. Son contact m'anime et je l'anime. Et ces déboîtements nous offrent des angles de survie, et nous descellent et nous amplifient. Chaque autre devient une composante de moi tout en restant distinct. Je deviens ce que je suis dans mon appui ouvert sur l'Autre. Et cette relation à l'Autre m'ouvre en cascades d'infinies relations à tous les Autres, une multiplication qui fonde l'unité et la force de chaque individu: Créolisation! Créolité!"* ¹¹

Esta visão do identitário como lugar de confluência do múltiplo, determina toda uma concepção da escritura como um lugar de desestabilização e do escritor como imperativamente aberto ao multilinguismo, mesmo que ele escreva sempre na mesma língua. Esta língua será atravessada por diferentes linguagens, mestiça e impura, aceitando como queriam os modernistas brasileiros "a contribuição milagrosa de todos os erros". As identidades definidas, pois como crioulizadas engendram estéticas compósitas com seus "textos ondulantes sobre mil estratos de discursos, caminhando para um fim que convoca o começo". ¹²

Estas teses de Chamoiseau convergem com as sustentadas por Régine Robin, sobretudo no *Roman mémoriel* (1989) e em *Le deuil de l'origine* (1993) onde ela fala dos caminhos transversais da escritura, do entrecruzamento dos discursos que darão origem à língua literária que se torna sempre outra : nem língua materna, nem língua do país de adoção, nem da comunidade de origem, mas o resultado híbrido de todas estas variantes.

Garcia Canclini em *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad* (1989), diz que a hibridação é uma das noções-chave para compreender a história latino-americana. Em um artigo mais recente¹³, retoma sua tese da hibridação: "A modernidade européia não eliminou as tradições autóctones; ela deu lugar a formas sincréticas onde as matrizes indígenas, espanholas e portuguesas foram reelaboradas para constituir uma mistura"¹⁴. Como Oswald de Andrade em 1927, ou Patrick Chamoiseau, em 1997, Canclini não acredita que esta

heterogeneidade multitemporal e multicultural seja algo que precise ser eliminado ou que constitua um problema a resolver. Ao contrário, seria antes um elemento fundamental para apreender o complexo processo de formação cultural americana.

João Ubaldo Ribeiro traz à tona em seus romances a extraordinária multiplicidade de etnias, culturas, registros de língua e modos de estar no mundo que coexistem no Brasil. *Em O feitiço da ilha do pavão* (1997), sua mais recente publicação, elementos saídos da cultura popular, massiva e culta se entrelaçam e interagem sem que o autor intervenha para hierarquizá-los.

No Quebec, as literaturas migrantes, que eram chamada de neo-quebequenses pelos escritores que se consideravam "pure laine", isto é, pertencendo a famílias radicadas no Quebec desde a sua fundação, crioulizam em geral os aportes da cultura de origem com os do país de acolhida, o Quebec e/ou o Canadá. O resultado, como o atestam os últimos romances de Dany Laferrière, Gérard Etienne, Nancy Huston, Serge Kokis, Régine Robin, Ying Chen, Bernard Andrès, Fulvio Caccia entre outros, constituem o que de mais vigoroso se publica atualmente na América do Norte. O que fascina antes de tudo nesta escritura é que ela obriga os leitores e a crítica a reavaliar seus critérios de classificação, pois ela fala de vários contextos geográficos, o que compromete a noção de literatura nacional, deixa-se atravessar por várias línguas e linguagens e inscreve segmentos culturais saídos de diferentes estratificações com um alto grau de imprevisibilidade, o que a torna refratária aos critérios tradicionais de classificação linguística ou regional.

As literaturas migrantes, que constituem conjuntos plurais por excelência, interessam na medida em que elas desestabilizam as certezas e as obsessões da crítica de tudo querer classificar, organizar e imobilizar em categorias definitivas. O gesto tradicional de associar um autor a um único quadro de referências como a etnia, a nação, o gênero ou mesmo a língua torna-se insuficiente para dar conta do entrelaçamento de fatores postos em cena.

Estou convencida de que a circulação destas idéias no contexto brasileiro, quebequense e latino-americano em geral deveria engendrar as bases de um futuro tratado de livre intercâmbio cultural entre as diferentes geografias do continente americano que padecem ainda cruelmente de conhecimento e, principalmente, de reconhecimento mútuo. Fala-se no Quebec de duas solidões em relação ao isolamento existente entre a cultura francófona e a cultura anglófona. Poder-se-ia dizer o mesmo relativamente ao Brasil e ou à América hispânica que, até bem recentemente, se ignoravam solenemente. Falta-nos um certo número de instrumentos para que a relação entre as diferentes culturas americanas possa enfim realizar-se, com trocas fertilizadoras, pois ainda é pela frequência da cultura do outro que melhor entendemos os segredos e as sutilezas da nossa cultura de origem. Tais instrumentos estão contidos na própria produção cultural contemporânea, pois artistas, escritores, pintores, compositores e demais agentes culturais já compreenderam que processos de hierarquização entre cultura erudita, popular mítica e popular massiva já não podem subsistir. Se as identidades são múltiplas e compósitas, a arte e as escrituras que delas se originam serão

consequentemente híbridas, "dúcteis e maleáveis", como afirma Néstor Garcia Canclini, um dos primeiros a valer-se do termo "híbrido" para caracterizar a cultura das Américas.

Perspectivas

Parece-me que poderíamos assinalar, a grosso modo, a existência de duas perspectivas a partir das quais poderíamos vislumbrar a questão identitária num contexto americano compósito:

A perspectiva da modernidade onde se tratava de aceitar a **mestiçagem** com seu fundamento de previsibilidade. A ideologia da mestiçagem determinou no contexto da América Latina a ideologia de homogeneização que aceitavam a idéia de mistura desde que a sociedade se tornasse cada vez mais branca étnica e culturalmente (cf. teorias do branqueamento, contemporâneas das grandes vagas migratórias). Período de elaboração de identidade de raiz única, de valorização do ser, de demarcação de territórios políticos e culturais, de construção do conceito de americanidade, a partir de uma ilusão de homogeneidade (cf. *Nossa América*, de Jose Martí).

A perspectiva da pós-modernidade onde a **crioulização** com seu valor acrescido de imprevisibilidade e de intervalorização das culturas veio alargar o conceito de mestiçagem. As identificações, ou seja, as construções identitárias abertas à relação e ao Diverso, que contêm a idéia de movimento, substituem os conceitos cristalizados de identidade de raiz única, aniquiladora das demais. Trata-se aqui antes de americanização, do que de americanidade, de crioulização do que de crioulidade, de terra do que de território, que prevê limites e demarcações de fronteiras. Na terminologia glissantiana, a síntese seria dada pela equação na qual o reinado do SER, estaria sendo substituído pelo do SENDO. A abertura ao outro na Relação, substitui os sentimentos de ensimesmamento, de fechamento na própria comunidade de origem, tendendo a apagar ou a minimizar o ressentimento. A um pensamento de sistema, dirigido para o Absoluto, se oporia um pensamento de "arquipélago", impreciso, ambíguo e relativo, pois o arquipélago é ao mesmo tempo uno e múltiplo uma vez que cada uma de suas ilhas pode guardar a sua especificidade.

Utópico? Estaremos com tais afirmações criando mais uma utopia, a utopia do terceiro milênio? Talvez na medida em que o produto das crioulizações, as culturas compósitas, tendem justamente a imobilizar-se, a tornarem-se por sua vez atávicas e permanentes; na medida em que a mistura de todos os heterogêneos, que constituem o que Canclini chama de culturas híbridas, terá igualmente tendência a tornar-se hegemônico e totalizante.

Se os fantasmas da unicidade, de uma única raiz identitária podem sempre ser reconvocados a integrar a trama narrativa, é também verdade que as identidades compósitas, que se desenharam no contexto das Américas, geraram escrituras híbridas abertas à multiplicidade de origens culturais que as integram.

NOTAS

1. VIGNAULT, R. *L'écriture de l'essai*. Montreal : Hexagone, 1974.
2. MOSER, W. L'antropophagie du sud au nord. In PETERSON, M. & BERND, Z., orgs. *Confluences littéraires: Brésil/Québec, les bases d'une comparaison*. Montréal : Balzac, 1992. P. 151.
3. Ibidem, p.150.
4. SYLVAIN, N. G. Programme. *La Revue Indigène*. Port au Prince, juillet, 1927, n. 1. P.4.
5. *Revue Indigène*, op.cit. p.5
6. Ibidem, p.9.
7. ROY, C. La nationalisation de la littérature canadienne. In : *Essais sur la littérature canadienne*. Montréal, Beauchemin, 1913. P. 218.
8. Observação : neste contexto o adjetivo " canadense " queria dizer preferentemente " quebequense "no sentido como o utilizamos atualmente.
9. MACHADO DE ASSIS. J. M. literatura brasileira : instinto de nacionalidade. In *Crítica literária*. Rio de Janeiro : Jackson, 1955. P.129-136.
10. GLISSANT, E. *Traité du tout-monde*. Paris : Gallimard, 1997. P. 194.
11. CHAMOISEAU, P. *Écrire en pays dominé*. Paris : Gallimard, 1997. P.200.
12. Ibidem, p.202.
13. Ibidem, p.309.
14. CANCLINI, N.G. Stratégies de recyclage, arts cultes et populaires en A. latine. In MOSER et alii, éd. *Recyclages - économies de l'appropriation culturelle*. Montréal : Balzac, 1997. P.282-291.